

A Experiência Estética no Jornalismo Cultural Impresso: Uma Observação Sensível¹

Felipe Jailson Souza Oliveira Florêncio²
Prof^a Ma. Carolina Maria Mártires Venturini³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

A experiência estética aqui proposta, é entendida como um abalo dos sentidos causado pelo contato sensível de um espectador com algum objeto estético. O jornalismo cultural entende-se como a área do jornalismo responsável por abordar temas relacionados à arte e à cultura. Este trabalho se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica, auxiliado por breve análise observacional para ilustrar a relação aqui proposta. A aproximação dos dois conceitos só se torna possível por conta de seus deslocamentos, onde a experiência estética se aproxima do cotidiano e passa a ser entendida como um processo comunicacional, e o jornalismo cultural por ser um gênero diferenciado das demais editoriais ao adotar uma abordagem sensível e arrojada dos temas que aborda, e configurar-se como uma exceção.

Palavras-chave: Comunicação; Editoriais impressos; Estética; Experiência estética; Jornalismo cultural.

Introdução - Prólogo da experiência

O presente trabalho representa uma pesquisa iniciada no último ano da graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, e que resultou em um Trabalho de Conclusão de Curso de mesmo nome deste artigo, apresentado e aprovado em dezembro de 2013. O que motivou a sua realização foi a vontade de entender melhor a sensação diferenciada que acontecia no autor ao ter contato com editoriais impressos de jornalismo cultural e que, ao mergulhar nas teorias da estética, se viu a possibilidade de tratar-se do que se conhece como experiência estética. No momento, se desenvolve este artigo, buscando refletir sobre a pesquisa, visando o seu contínuo aprofundamento.

O jornalismo cultural é a zona do jornalismo que se traduz em meios, gêneros e produtos empenhados em abordar temas relacionados às artes, às letras e às ciências humanas e sociais com motivações criativas, críticas ou de divulgação. Seu alcance é amplo, tanto do ponto de vista da forma quanto do conteúdo. Em jornalismo impresso,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Jornalista, graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Pará, UFPA. Atua no Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia da AEDi/UFPA, email: fjailsonn@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará, UFPA, email: carolinammventurini@gmail.com

podem ser considerados exemplos de publicações de jornalismo cultural, revistas literárias de pequena circulação, suplementos semanais de jornais de grande circulação, revistas especializadas em assuntos específicos e cadernos diários voltados ao entretenimento. (AZZOLINO, 2009, p.24).

O jornalismo cultural já era alvo da admiração do autor deste trabalho antes mesmo da graduação e o contato com publicações que praticavam essa modalidade de maneira mais arrojada passou a cada vez mais lhe chamar a atenção. Páginas mais elaboradas e diferentes do observado em outras editoriais, textos escritos de maneira mais poética e uma produção que prezava por essa ousadia, acompanhada de perto, dentro da redação de um jornal impresso, despertava uma sensação que inicialmente não conseguia ser conceituada, mas bastante prazerosa.

O objetivo deste trabalho é proporcionar um diálogo entre as áreas do jornalismo cultural e o da experiência estética na comunicação, conceito entendido aqui como “uma mobilização multidimensional (cognitiva, volitiva e emotiva) produzida no confronto com um objeto problemático que é experimentado em uma situação não familiar” (GUIMARÃES, 2006, p.16). Elege-se um meio particular, os editoriais impressos, onde se pretende verificar como é possível se constituir uma experiência estética dentro dele. Essa experiência, dona de uma racionalidade particular e específica, não é restrita aos objetos artísticos, mas tomada como via de acesso a experiência atual do mundo (GUIMARÃES, LEAL, MENDONÇA, 2006, p.7).

Releva-se esta pesquisa, pela relação entre os fenômenos comunicativos e a experiência estética ainda ser no qual confluem múltiplas perspectivas, abordagens e diferentes disciplinas (GUIMARÃES, LEAL, MENDONÇA, 2010, p.7); além do papel desempenhado pelo jornalismo cultural na sociedade, pois as páginas de cadernos de cultura estão entre as mais lidas e queridas dos grandes jornais e são de fundamental importância para a relação dele com o leitor (PIZA, 2007, p.7). Em sua variedade, é necessário considerar a dimensão plástica presente nesse processo comunicativo, determinante para que haja alguma poesia, alguma experiência estética (LEAL, 2006, p.86).

Aonde o olhar se demora: Experiência Estética e Jornalismo Cultural Impresso.

Quando se fala em experiência estética, por muito tempo subentendeu-se que o seu conteúdo, historicamente, não estaria ligado a situações do cotidiano. Novas concepções divergiram dessas teorias, entretanto, essa fusão entre experiência estética e o cotidiano continua a neutralizar o que ela tem de mais particular: sua excepcionalidade; por conta

disso, sua ocorrência nessas condições será sempre por meio de uma exceção (GUMBRECHT, 2006, pp.50-51).

Dentre as condições de excepcionalidade que tornam possível a experiência estética no cotidiano, o livro “Comunicação e Experiência Estética” (2006) destaca três, o que não significa que elas sejam as únicas. A primeira é quando a experiência estética se impõe como uma interrupção do fluxo da vida. A segunda, quando um objeto alcança o mais alto grau de adaptabilidade à sua função e, por fim, a terceira, quando uma experiência considerada normal, de repente se mostra excepcional, por conta de uma mudança nos moldes situacionais com os quais se abordam o objeto causador desse fato. (GUMBRECHT, 2006, p.51).

Quando se trata de jornalismo, o que seria esse cotidiano passível de ser interrompido? Neveu (2006, p.110) afirma que é possível ter certa “familiaridade” com os produtos jornalísticos, algo pelo qual o público sabe que pode esperar e que o faz diferenciar um gênero do outro. No jornalismo de editoriais impressos, participam desse processo elementos como as manchetes, a titulação, as fotos, formatos, infografias e tudo o mais o que constitui a “escrita da imprensa” (NEVEU, 2006, pp.110-111). Essa familiaridade pode ser alcançada pelo caráter de objetividade de grande parte dos produtos jornalísticos.

De acordo com as definições dadas por Kunczik (2002, pp.223-224), a objetividade é representar a realidade do jeito que ela é e o seu uso atesta a boa qualidade de um produto jornalístico. Seria esse o maior objetivo da atividade jornalística: informar de maneira clara, rápida, objetiva e imparcial, o que ocasionaria em relatos jornalísticos sem emoção, desapaixonados, usando de palavras neutras e estruturados de uma maneira definida. Uma verdadeira gramática do jornalismo (ibidem, pp.228-229).

Os jornais impressos estão totalmente ligados ao nascimento da objetividade, pois foi onde, dentre a totalidade de acontecimentos, surgiu a necessidade de escolher quais deles ocuparão as páginas das notícias. Estes jornais iam crescendo em circulação. Os que antes eram publicados semanalmente passaram a ser em intervalos cada vez menores, até quatro ou cinco vezes por semana já em meados do século XIX (KUNCZIK, 2002, p.219). Quando surge a imprensa popular ou de massa, chamada de *penny press*, a mesma estabeleceu uma linha de consumo para os jornais, atendendo aos interesses de uma classe média comercial emergente, onde a objetividade era usada em reportagens sobre economia, comércio e cotidiano. Nos anos 1980, nos Estados Unidos, houve o estabelecimento

definitivo dessa norma, tendo como símbolo o jornal *New York Times*, cujo modelo informativo suprimiu a forma narrativa e o tom emocional (KUNCZIK, 2002, pp.226-227).

Esse modelo americano, também adotado pelos ingleses, torna corrente uma série de regras de escrita, seguidas pelos repórteres e incentivadas pelos editores-chefes. O texto objetivo teria como características ser completamente neutro e preso a regras como a dos cinco W's (*Who? What? Where? Why? When?*), cuja versão brasileira é a conhecida série de perguntas “Quem? O quê? Quando? Onde? e Por quê?”. Essas perguntas seriam itens obrigatórios logo no *lead*, o primeiro parágrafo de um texto, em todas as reportagens. É no *lead* que todas as informações essenciais devem estar condensadas. Os demais parágrafos seriam para mais detalhes e explicitações de acordo com a regra da pirâmide invertida, uma espécie de hierarquização da informação, da mais para a menos importante. Assim, a escrita jornalística se torna um discurso específico, de forma regrada e cujas possibilidades de linguagem se tornam facilmente identificáveis (NEVEU, 2006, p.108).

Sendo esta fórmula considerada o cotidiano no jornalismo, de que forma ele poderia ser perturbado? Justamente em um gênero determinado por outras lógicas de produção na veiculação das notícias, por algo que vá além do que é visto normalmente. Esse gênero é o jornalismo cultural, que mesmo podendo estar preso à agenda, é aquele que, pela veiculação de notícias relacionadas à arte e à cultura, tem a possibilidade de ir além daquilo que é ditado pelo mercado (AZZOLINO, 2009, p.25).

Para Azzolino (2009, p.33), o jornalismo cultural está ancorado sobre o sistema artístico e cultural, sendo responsável por repercuti-lo e reconstruí-lo. Ao representar essa área, admite em sua linguagem recursos mais criativos, coloquiais e estéticos, por exemplo, o uso de uma expressão gráfica mais ousada. Essa hibridização de linguagens e essas possibilidades de experimentações do jornalismo cultural são fruto de toda a história que o constituiu. As características que hoje o regem podem ser tiradas desde o que era visto nas sessões de variedades nos jornais do século XVIII até o que existia nos folhetins veiculados durante o século XIX (AZZOLINO, 2009, p.39).

Entre esses recursos de linguagem citados, no caso do jornalismo cultural veiculado em editoriais impressos, é possível destacar o caso dos cadernos diários de cultura, muitos dos quais possuem um formato diferenciado, que chama a atenção elegendo apenas um assunto na capa e destacando-o com uma página de apresentação visual arrojada, onde as formas e o conteúdo estão interligados. Como completa Azzolino (2009, p.31), a notícia ocupada por um lugar nessas condições adquire uma espécie de consagração, uma valorização estética.

É nesse mesmo espaço onde textos informativos podem conviver com textos literários e ensaios analíticos. Essa expressão de opiniões, juízos e críticas, por muito tempo não foi considerada como tarefa do jornalismo (NEVEU, 2006, p.225), portanto, por ocorrer no jornalismo cultural, torna-o por natureza um território de tensão, até por ser uma ocasião na qual diversos profissionais atuam no mesmo objetivo, sejam eles jornalistas ou especialistas. Trata-se de um espaço bastante diferenciado do restante da produção jornalística cotidiana (AZZOLINO, 2009, p.26).

Para Azzolino (2009, p.29) esse objetivo do jornalismo cultural nada mais é do que uma função pragmática de possibilitar uma comunicação entre o público e um universo poético, que pode ser estranho, ambíguo e que exige uma desautomatização dos processos de percepção naturalizados nos indivíduos. Ainda segundo Azzolino (2009, p.61), se a arte, em seu contexto contemporâneo, estetiza de diversas formas a vida cotidiana, é necessário que o jornalismo cultural desenvolva um sentido estético, sensível e reflexível para observá-la e descrevê-la enquanto uma obra cultural.

Essa função poética é cumprida pelo jornalismo cultural lado a lado com a sua função informativa. É uma das habilidades desse gênero tocar na integralidade das pessoas, que chegam a essa seção nos editoriais impressos exatamente por estarem em busca de um conhecimento sensível e reflexivo. Ou seja, “buscam uma experiência estética que ora cumpre uma função puramente sensível, ora uma função política e reflexiva” (AZZOLINO, 2009, p.66).

É essa reflexividade que efetivamente diferencia o jornalismo cultural de outras editorias (AZZOLINO, 2009, p.59). Entre os efeitos da experiência estética que ele pode causar, está o hábito dos leitores de não se desfazer dos suplementos culturais de jornais diários, muitos dos quais são veiculados apenas nos finais de semana, onde supostamente há um tempo maior para que o leitor se deleite com seu conteúdo (AZZOLINO, 2009, pp.26-29).

Quando se fala em jornalismo cultural, é percebido nele um afrouxamento na constante busca pela atualidade, além da oferta de outras maneiras de passar as mensagens ligadas à obras culturais, as quais não devem perder sua comunicabilidade, mesmo sendo complexas (AZZOLINO, 2009, pp.26-66).

O jornalismo cultural deve ser sensível para conseguir abordar essas obras culturais. Se cair no hábito de enquadrá-las em um mesmo formato, ou usando de uma mesma fórmula, acaba simplificando-as e amputando a força daquilo que descreve. Para representar o real de uma forma eficiente, o jornalismo precisa transportar o público para o fato que

reporta, revivendo-o para, assim, aproximar-se dele o máximo possível. Uma busca por objetividade nesses casos, deve se afastar de um relato frio e sem emoção do acontecimento, como pregam algumas regras. E sim, agregar elementos sensíveis e materiais que se conciliem e só assim o relato estará mais próximo do real, de acordo com o que se diz acima. É aí, como aponta Azzolino (2009, p.67) que reside o verdadeiro jornalismo, aquele capaz de informar sem perder a força que emana de um acontecimento, com todas as suas cores, ruídos e sensações.

Entretanto, seria o jornalismo cultural realmente capaz de provocar experiências estéticas nos indivíduos? Para Antunes (2010, p.145) primeiro deve se levar em conta que o jornalismo pode sim ser catalisador de experiências, entretanto, por sua natureza, seria uma experiência já degradada. Essa concepção vem desde Walter Benjamin, a partir de seu ensaio “O narrador”, onde é apontada a incapacidade das notícias de intercambiar experiências. O filósofo alemão acabou lançando a ideia de que o jornalismo estaria pondo fim à experiência.

Por conta disso, para ser compreendido como um elemento ocasionador da experiência estética, para Antunes (2010, p.156), o texto jornalístico precisaria ser problematizado, construindo formas de abordagem que suprissem a necessidade de retratar o quão complexos, indeterminados, e de múltiplos contextos são os fatos os quais apresenta; ou seja, exatamente o que o jornalismo cultural se propõe a fazer, retratando a realidade cultural de uma maneira ainda mais sensível.

E deve-se partir do pressuposto de que, quando se fala da experiência estética no jornalismo cultural de mídias impressas, o conceito de texto não deve se atrelar apenas àquele composto pelo universo das palavras. O texto é, ao mesmo tempo, a maneira como os elementos gráficos estão dispostos em uma página, linguagens específicas que o constroem e a combinação dos mais diferentes elementos com o mesmo objetivo. O texto deve ser visto como uma espécie de sistema em que cada parte constituinte está numa relação de interdependência uma com a outra (ANTUNES, 2010, p.147).

Para Mendonça (2010, p.183), editoriais impressos são vistos como textos verbovisuais, compostos por uma somatória de elementos verbais e visuais que se articulam e produzem significações, promovem afetos e desse modo são capazes de estimular a experiência estética. Portanto, os diversos elementos arrojados que compõem uma página de jornalismo cultural são considerados neste trabalho um texto só em sua totalidade.

O texto é uma circunstância de comunicação e, por consequência disso, envolve uma intencionalidade de quem o produz e uma reciprocidade daquele que o recebe. Ele, por

adquirir um sentido por meio de um contexto, acaba adquirindo também funções socializadoras, coletivizantes, informativas, éticas, emotivas, expressivas e também estéticas (MENDONÇA, 2010, p.183).

Antunes (2010, p.148) coloca que diversas características se entrelaçam para cumprir com essas funções, muitas delas empenhadas em tornar compreensíveis os mais diversos eventos, alguns bem difusos. Há histórias com começo e fim, pontos de articulação, características específicas de desenvolvimento, contextualizações diversas. Em resumo, as mais variadas representações de mundo.

No domínio da experiência estética, o corpo desempenha papel fundamental. Não só pelo fato de ser sobre ele no qual se operam esses princípios de representação do mundo, mas também por serem os atos dos indivíduos que definem essa mesma realidade (MENDONÇA, 2010, p.185).

Para Mari (2010, p.135) a experiência em editoriais impressos começa quando o leitor deglodia na construção de sentidos de um texto. Nesse processo, atuam lado a lado a sensação, aquilo que é captado pelos sentidos, e a percepção, que é a cognição do que foi captado, resultando em compreensão (MARI, 2010, p.143). A estética passa pelo corpo, mas também invade a consciência, onde a informação sensível é decodificada e a partir dela se constrói a percepção, ou seja, a compreensão daquela sensação enquanto experiência. É essa relação que mais influi nesse tipo de experiência estética (MARI, 2010, p.133).

Quando se elege um objeto específico como fonte de compreensão estética, como o editorial impresso, se destaca o papel da visão, essencial para a apreensão daquilo que o produto passa. “O que é próprio desta categoria provavelmente é aquilo sobre o que ‘os nossos olhos demoram’, para usar uma metáfora tradicional do meio” (MARI, 2010, p.133). Para que haja a experiência estética é necessário que haja uma concordância entre as partes envolvidas, o que consta no editorial impresso e o leitor que o recebe. As narrativas que constam nos textos midiáticos precisam do indivíduo para completar seu sentido (MENDONÇA, 2010, p.184).

Durante a leitura, nem tudo o que é captado pelos sentidos é capaz de despertar a experiência estética, sejam ondas cromáticas ou eventos textuais no domínio da escrita. A informação em editoriais impressos está agrupada em diversas formas e gêneros, como se fosse um cardápio para o leitor. É a partir dele que o indivíduo decide os rumos que toma ao ler um editorial impresso. No caso de revistas e jornais, a leitura não obrigatoriamente começa na primeira página e vai até a última, isso seria contrário à noção de arrebatamento. São os leitores que constroem os caminhos que trilham. Dentre esses caminhos tomados, há

o encontro de determinados acontecimentos que podem ser eleitos como estéticos, mas nem tudo o que aparece ali é qualificado assim imediatamente. (MARI, 2010, pp.132-133).

Nessas condições, qual seria o local ideal para o acontecimento de uma experiência estética? Segundo Mari (2010, p.134), no meio da leitura de um editorial impresso, existe a expectativa de encontrar um texto que vá além de caracteres restritos, como apenas informativo ou apenas de prestação de serviços. Isso pode incluir aqueles textos onde repousam “vozes contraditórias, cenas diferentes, cores de matizes e de proveniências diversas, arranjos arquitetônicos diferentes a partir daquilo que estamos habituados a ler”. Portanto, a experiência estética aconteceria no encontro de um valor de determinado texto que o diferencia dos demais.

E assim pode ocorrer a experiência estética no jornalismo cultural de editoriais impressos. De acordo com as três condições citadas por Gumbrecht (2006, p.51), o jornalismo cultural é uma quebra do fluxo cotidiano da vida justamente pelo seu valor diferenciado do que se vê em outras editoriais, indo por outros caminhos que não os da objetividade e utilizando-se de todos os seus elementos gráficos para cumprir esse objetivo. O gênero se encaixa também na condição de máxima adaptabilidade à sua função por cumprir sua função de retratar a cultura da melhor maneira que prega a sua definição, com todas as suas nuances e de forma sensível. Por último, ele também é excepcional por conta da quebra dos moldes situacionais por apresentar a cultura, difundida no cotidiano dos indivíduos, usando de suas estratégias editoriais, ou seja, é uma nova maneira de experimentar a cultura, por meio do jornalismo.

Uma observação sensível

A discussão pode ser ilustrada com uma breve observação de alguns casos de editoriais impressos de jornalismo cultural que demonstram o que foi aqui apresentado, para a compreensão da articulação de conceitos propostas.

Dá-se início com a Figura 01, mostrada na página a seguir, apresentando uma matéria do caderno Você, do jornal Diário do Pará, publicada no dia 21/12/2012, “Entre a Palavra e o Traço”, escrita pela repórter Luiza Cabral, que fala sobre o trabalho do artista Gil Vieira.

Quais são as circunstâncias que normalmente regeriam o conteúdo dentro de um jornal impresso? Muitos costumam seguir um projeto gráfico determinado, que unifica o conteúdo ao ditar como deve ser o uso da imagem, do texto, dos títulos e subtítulos,

deixando tudo com a mesma identidade visual. O leitor, de certa forma, já está acostumado com isso e espera que seja assim. Se algo dentro de um jornal fugir disso, uma quebra no cotidiano se configura.

É o que acontece no exemplo apontado. Mais da metade da página é tomada por uma ilustração feita por Gil Vieira. Trata-se de uma forma que tanto pode lembrar uma boca cheia de dentes, quanto um órgão sexual feminino. A palavra “Deglutir” também pode ser notada no espaço entre os dentes da ilustração. É acompanhado do desenho de uma barata logo abaixo da ilustração principal e rodeado pelas letras da palavra “Pisa”, cada uma pendurada em um gancho. Os títulos e subtítulos acompanham as cores usadas no desenho e usam de uma fonte diferente da do restante do jornal.

Como foi mostrado, em jornalismo cultural, é recorrente o destaque de apenas um assunto para a capa do caderno ou suplemento. Porém, essa matéria que toma uma página inteira, não está na capa e sim na página 3, uma página ímpar, cujo destaque vem justamente por ser a primeira avistada pelo leitor ao virar a capa, o que configura imediatamente uma espécie de choque. Nela, o destaque maior é para a ilustração, sem nenhum anúncio publicitário ao redor. Apenas a arte deslocada de seu contexto direto para as páginas de uma mídia de massa, sendo usada com função comunicativa.

O que se nota é um grande diálogo entre os elementos da imagem, pois as palavras são logo associadas ao desenho. Por exemplo, a palavra “Pisa” e o desenho da barata. O que fazer com a barata? Pisar. É o que propõe o título “Entre a Palavra e o Traço”: mostrar as inter-relações que podem haver entre os dois e que estão presentes na obra de Gil Vieira.

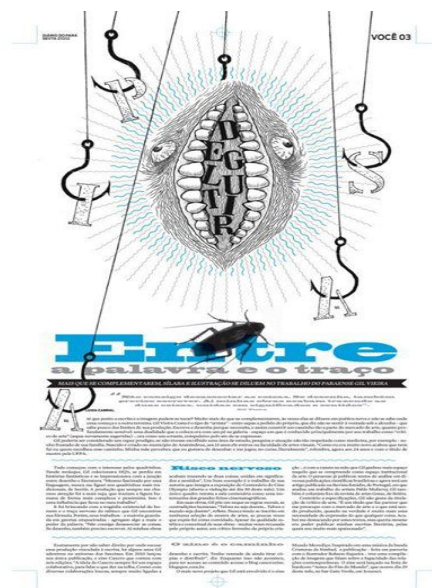


Figura 01: Página 3 do Caderno Você, jornal Diário do Pará, dia 21/12/2012

Além do título, os subtítulos também resumem as informações da matéria, como “Risco Nervoso”, usado para a parte do texto que fala da vida de Gil Vieira, fazendo uma associação do ato de riscar com os riscos que se corre em uma trajetória artística. Já em “O zine é o caminho”, a expressão “zine” é abreviação de “fanzine”, uma nova atividade que Gil pretende seguir, ou seja, seu novo “caminho” a ser percorrido.

No primeiro parágrafo do texto, a regra clássica de responder as cinco perguntas principais (Quem? O quê? Quando? Onde? Por quê?) não é seguida. A primeira frase propõe logo uma reflexão: “Até que ponto a escrita e a imagem podem se tocar?” O texto também inclui impressões sobre o entrevistado, como deixar explícito nas frases que nomeá-lo como “artista” ou “crítico de arte” está entre aspas por uma recomendação sua. Isso se configura numa aproximação por meio do texto com a realidade dos fatos, no caso, a entrevista que foi feita.

O leitor é sensibilizado com a obra de Gil primeiramente com a sua história que é contada na matéria, que ajuda a entender suas influências. A ilustração mexe logo com os sentidos do leitor por meio de sua visão, enquanto o texto propõe uma atividade cognitiva maior, o que configura uma percepção, provável geradora de um conhecimento. Por fugir do cotidiano e mexer diretamente com os sentidos, esse exemplo pode ser visto como ocasionador da experiência estética.

Traços da experiência estética também podem ser vistos em outros impressos. Dessa vez, se observam duas páginas da revista Leal Moreira – publicação customizada de uma construtora imobiliária de Belém -, de onde foi retirado esse exemplar de matéria sobre uma manifestação artística como caso de jornalismo cultural. A manifestação, nesse caso, é a obra fotográfica de Nati Canto.



Figura 02: Páginas de abertura da matéria “Pupilas dilatadas” na revista Leal Moreira, nº 36

Na matéria de Camila Barbalho, publicada na edição de número 36, ano 9, da revista, primeiro é observado o título “Pupilas dilatadas”, que faz referência ao estilo da

fotógrafa, que foge dos moldes tradicionais da visão. Por que não fotografar como se enxergasse diferente do que a maioria das pessoas considera normal? Essa é a proposta de Nati Canto, de acordo com a matéria. Como é a visão quando as pupilas estão dilatadas? É essa a discussão que a matéria acaba provocando, fazendo do título, uma ligação com a imagem que ocupa a maior parte da matéria. Uma fotografia onde mal se podem ver os detalhes, como se a luz estivesse por todos os lugares, dificultando o discernimento de formas.

Para iniciar essa discussão sobre a forma de enxergar o mundo, a matéria usa de artifícios de narração para chegar ao seu objetivo. O primeiro parágrafo sequer cita Nati Canto, em vez disso, fala um pouco sobre o personagem da literatura, Dom Quixote, que via dragões naquilo que deveriam ser moinhos de vento. A narração é usada para introduzir o assunto sobre as maneiras consideradas “certas” ou “erradas” de enxergar o mundo, aquilo que norteia o trabalho da fotógrafa, tema da reportagem.

Esse uso da narração, por si só já é uma ousadia que quebra o cotidiano, pois é uma abordagem poética sobre um trabalho também poético. Seu uso é uma fuga dos moldes tradicionais de onde se encontram recursos narrativos e poéticos, pois está presente em uma revista. E a matéria, como um todo, mexe com a percepção e os sentidos do leitor, a todo o momento, seja na foto que toma a maior parte dessas primeiras páginas ou no título que convida a enxergar o conteúdo da mesma de maneira diferente, assim como o trabalho de Nati Canto propõe.

Em sequência, serão apresentadas cinco figuras consecutivas, que demonstram dez páginas de uma única reportagem, “Web de Papel”, escrita pelo jornalista Leonardo Fernandes, com projeto gráfico de Daniel Zuil e Diana Figueroa, publicada na segunda edição da Revista Gotaz, uma publicação impressa quadrimestral sobre artes visuais em Belém.

A matéria é sobre como os fanzines, pequenos editoriais impressos feitos artesanalmente, conseguiram se reinventar ao adentrar um novo suporte midiático, o mundo virtual. A experiência estética em um texto, como foi visto anteriormente, acontece quando se é encontrado um diferencial nele. Um valor como a descrição feita pelo repórter do “choque” que se tem ao deparar com as figuras disformes e monstruosas presentes nos fanzines do artista xBerecox, não só mexe com a sensibilidade e percepção do leitor, como também transmite um pouco do que foi a experiência estética daquele que escreveu a matéria. Uma experiência que, ao ser descrita, possibilita uma nova experiência.



Figura 03: Páginas de abertura da matéria “Web de Papel”, da revista Gotaz nº 2



Figura 04: Páginas da matéria “Web de Papel” da revista Gotaz nº 2



Figura 05: Páginas da matéria “Web de Papel” da revista Gotaz nº 2

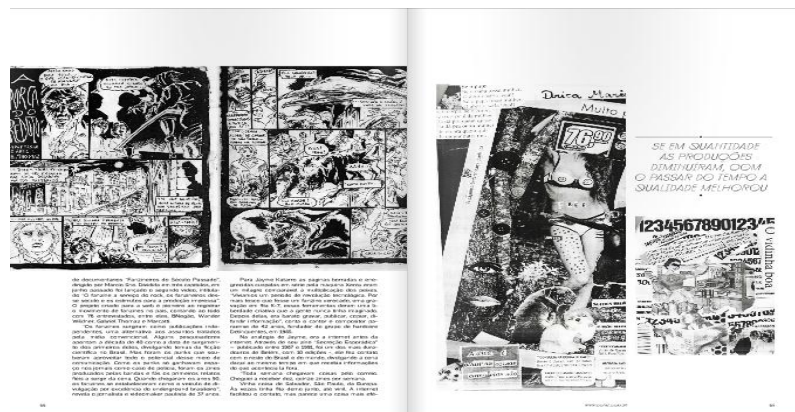


Figura 06: Páginas da matéria “Web de Papel” da revista Gotaz nº 2

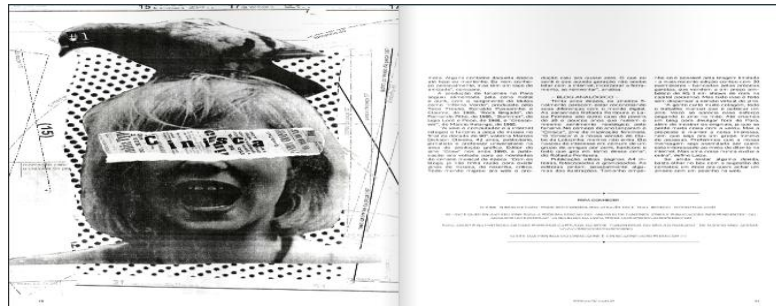


Figura 07: Páginas finais da matéria “Web de Papel” da revista Gotaz nº 2

Pode-se então dizer que a interpretação do mundo feita pelos diferentes agentes e tipificada pelo jornalista por meio da notícia, se baseia em um “acervo de experiências prévias” que funcionam como um esquema de referências a partir de um “conhecimento à mão”. Tais referências nos aparecem como típicas – atinentes a referências similares antecipadas. O jornalista, quando identifica um evento noticiável, mobiliza uma cadeia de percepções, que vão do repertório de sua experiência individual até as molduras produzidas à escala da sua comunidade interpretativa profissional e àquelas molduras predefinidas no âmbito do meio em que trabalha, editoriais, linha editorial, linguagem do veículo, entre outros (ANTUNES, 2010, p.159).

Uma revista como a Gotaz, voltada ao universo poético, torna coerente ter suas páginas ocupadas por textos que também tenham uma certa poesia e diálogo com a arte. Esse diálogo, no caso da matéria “Web de Papel”, se materializa, como um dos exemplos, no destaque para a palavra “papel”, desde o título, ao assunto da matéria (o material primordial do fanzine é o papel) e ao suporte em que ela se encontra, uma revista impressa.

Assim como as cores preto e branco podem ser encontradas em fanzines, assim elas estão presentes na diagramação da matéria. Ao usar fanzines como a ilustração, a página ganha inteiramente a aparência de um, usando das mesmas cores e do contraste entre formas e letras.

No texto em si, algumas escolhas o diferenciam. Por exemplo, ele poderia fazer uma análise cronológica da história do fanzine, mas prefere explicá-lo por meio das impressões tiradas de outros entrevistados, deixando a definição do objeto diluída entre as palavras. Uma quebra no cotidiano quando se trata de texto jornalístico, máxima adaptação ao seu uso, configurada pela abordagem sensível e arrojada e súbito “choque” por uma questão de mudança nos moldes situacionais, ao deslocar o formato do fanzine para um novo uso. Eis assim, a possibilidade de uma experiência estética.

Considerações finais

Findada a pesquisa, têm-se algumas considerações a respeito dela. Este é apenas um mínimo e primeiro passo; até então, acredita-se que tudo pode ser definido como um exercício, que envolve a articulação de conceitos e a pesquisa para conseguir sistematizá-los. Como experiência acadêmica, lança-se apenas mais um olhar sobre a experiência estética na comunicação e a intenção é continuar trilhando esse caminho em pesquisas mais aprofundadas. No ramo profissional, a pesquisa também se mostra importante para o autor e para os que, assim como ele, pretendem experimentar o jornalismo cultural enquanto carreira. Ao apontar o ideal do que é a área, automaticamente já nasce uma vontade de segui-lo e praticá-lo. Da mesma forma que a pesquisa pretende continuar, a prática de um jornalismo cultural sensível, diferenciado e ousado também deve ser incentivada.

Tudo tem a ver com a citação “O amor é uma inspiração infinita na direção de um além que o transfigura” (LOUREIRO, 2002, p.16). Entenda-se “amor” pelo gosto com o qual essa pesquisa foi realizada, envolvendo duas áreas de grande apreço do autor e que acabou se mostrando uma experiência difícil, mas ainda assim, gratificante. Que o “além que o transfigura” seja a renovação constante da pesquisa, capaz de transformar não só a si mesma, como quem a escreve. Feitas as considerações finais, hora dos sentidos voltarem ao lugar, mas não por muito tempo. Por enquanto, fim da experiência estética.

Referências

AZZOLINO, Adriana Pessatte (Org.) **Sete propostas para o jornalismo cultural**: reflexões e experiências – São Paulo: Miró Editorial, 2009.

GUIMARÃES, César. O que ainda podemos esperar da experiência estética. In: GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno S.; MENDONÇA, Carlos C. (Orgs.). **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 13-26

LEAL, Bruno Souza. A poesia que a gente vive, talvez. In: GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno S.; MENDONÇA, Carlos C. (Orgs.). **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 79-87

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pequenas Crises Experiência estética nos mundos cotidianos. In: GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno S.; MENDONÇA, Carlos C. (Orgs.). **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 50-63

ANTUNES, Elton. De certezas e desvios: a experiência “modelizada” no texto jornalístico. In: GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno S.; MENDONÇA, Carlos C. (Orgs.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 145-165

MENDONÇA, Carlos Camargos. Experiência e significação. In: GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno S.; MENDONÇA, Carlos C. (Orgs.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 179-188

MARI, Hugo. O texto como modelo de experiência estética: sensação ou percepção? In: GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno S.; MENDONÇA, Carlos C. (Orgs.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 131-144

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**: Norte e Sul: Manual de Comunicação. São Paulo: Ed.USP, 2002.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Elementos de estética**. Belém: EDUFPA, 2002.

NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2009.